

“Com Mansidão e Respeito”: Apologética e Diálogo

“With Meekness e Respect”: Apologetics and Dialogue

Heber R. Bertuci*

Resumo:

O tempo atual é caracterizado pelas discussões acerca do conteúdo da fé nas redes sociais. É importante que a fé tenha voltado a ser discutida pelas massas. No entanto, é necessário que o modo de se apresentar uma mensagem tão sublime como a fé seja permeado por ética, o que envolve o respeito para com quem se dialoga. Esta defesa da fé é denominada de apologia, a qual o dado revelado conhecido como Escritura Sagrada orienta que seja com “mansidão e respeito” (1Pe 3,16). Para explicar este conceito e aplicá-lo à apologética contemporânea nos debates, este artigo terá três pontos. No primeiro, serão definidos os termos “apologética” e “apologia” no contexto grego e cristão. No segundo, será esclarecido de que maneira o termo apologia e o conceito de defesa da fé surgem no Novo Testamento. No terceiro ponto, será explanada a maneira de defender a fé exposta pelo apóstolo Pedro, em 1 Pedro 3,16a. Estes pontos demonstram que os apologetas da fé devem ter seus conceitos pautados no caminho do diálogo, o qual é alcançado pelo ponto comum que há entre cada ser humano: a busca da verdade.

Palavras-Chave:

Apologética, Mansidão e Respeito, Diálogo, Verdade.

Abstract:

The present time is characterized by discussions about the content of faith on social networks. It is important that faith has been discussed again by the masses. However, it is necessary that the way of presenting a message as sublime as faith is permeated by ethics, which involves respect for those with whom you speak. This defense of the faith is called apology, which the revealed data known as Holy Scripture guides it to be with “meekness and respect” (1Pe 3,16). To explain this concept and apply it to the contemporary apologetics in the debates, this article will have three points. In the first, the terms “apologetics” and “apology” will be defined into the Greek and Christian context. In the second, it will be clarified how the term apology and the concept of defending the faith appear in the New Testament. In the third point, the way to defend the faith, exposed by the apostle Peter in 1 Peter 3,16a, will be explained. These points demonstrate that apologetics for the faith must have their concepts guided in the path of dialogue, which is achieved by the common point that exists between each human being: the search for the truth.

Key words: Apologetics, Meekness and Respect, Dialogue, Truth.

*Mestre em Ciência da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie - RJ - Doutorando em Teologia Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro RJ. Contato: heber-rb@outlook.com

Enviado em
11/03/2020
Aprovado em
23/06/2020



PUC-SP

Introdução

Somos como anões sobre os ombros de gigantes; graças a eles, podemos ver além deles. Ocupando-nos com os tratados escritos pelos antigos, apoderamo-nos de seus pensamentos seletos, sepultados pelo tempo e pela negligência humana, e os soerguemos, por assim dizer, da morte para uma nova vida – Pedro de Blois (1130 - 1211).

O tempo atual é caracterizado pelas discussões a respeito de vários assuntos nas redes sociais e um dos assuntos mais discutidos é acerca do conteúdo da fé. É importante que a fé tenha voltado a ser discutida pelas massas. No entanto, duas questões são essenciais nos debates sobre a fé: em primeiro lugar, um conteúdo ortodoxo e dialogal e em segundo lugar, o modo de se apresentar uma mensagem tão sublime como a fé. Este artigo versa sobre este segundo ponto. Seu objetivo é conscientizar, fraternalmente, que os debates teológicos devem ser permeados por ética, o que envolve o respeito para com quem se dialoga.

Quando o debate a respeito do conteúdo de uma fé torna-se defensivo, o nome clássico que se dá é “apologia da fé”. A tendência é que se pense que esta apologia, por se tratar de uma defesa, deve ser realizada em clima de guerra; em alguns casos até com violência verbal e termos que visem humilhar o adversário. Entretanto, quando se analisa o dado revelado, conhecido como Escritura Sagrada, observa-se um estilo bem diferente. O apóstolo Pedro o resume sob a expressão: “mansidão e respeito” (1Pe 3,16). Para explicar este conceito e aplicá-lo à apologética contemporânea nos debates, este artigo se valerá de três pontos. No primeiro, serão definidos os termos “apologética” e “apologia”, no contexto grego e cristão. No segundo, serão esclarecidos de que maneira o termo apologia e o conceito de defesa da fé surgem no Novo Testamento. Será concedida uma ênfase especial no texto de 1 Pedro 3,15, no qual o apóstolo declara que é dever do cristão estar pronto para dar razão de sua esperança a todo aquele que vo-la pede. No terceiro ponto, será explanada a maneira de defender a fé exposta pelo apóstolo Pedro, em 1 Pedro 3,16a. “Mansidão e respeito”, é o que afirma o apóstolo, atitudes que impulsionam aqueles que trilham o caminho do diálogo, o qual é alcançado pelo ponto comum que há entre cada ser humano: a busca da verdade.

1. Definição de Apologética e Apologia

Uma definição é uma frase que significa a essência de uma coisa. Apresenta-se ou sob a forma de uma frase em lugar de um termo, ou de uma frase em lugar de outra frase; pois às vezes também é possível definir o significado de uma frase.” – Aristóteles (384 - 322 a.C.).

É salutar definir o termo principal de uma pesquisa. As palavras têm vida, uma história que precisa ser contada. Definir tem o sentido de delimitar, um conceito já observado pelos gregos por meio da palavra ὅρος [*hóros*], a qual indica um limite ou a linha de fronteira de algo. *Hóros* indicava que algo tinha contornos bem precisos, os quais evitavam qualquer tipo de invasão. *Hóros* foi traduzido para o latim *definitio* – termo transliterado para o português, definição. Definir, portanto, é fulcral nas pesquisas para demarcar o termo tratado, já que, em alguns casos, pode acontecer que por detrás de um vocábulo se escondam significados diferentes. O teólogo também tem a responsabilidade de definir seus termos ou expressões. A definição é importante na teologia para encontrar a ὀρθὸς λόγος (*orthòs lógos*), em latim, *recta ratio*, a qual consiste em intuir os princípios universais do ser por meio da razão, deduzindo deles as conclusões lógicas (JOÃO PAULO II, *FR*, 4, 50). A razão reta (*orthòs logos*) aprimora a busca pela verdade e evita discussões desnecessárias no campo da teologia.

Com esta consciência de que é importante definir, será explicado o significado do principal termo deste artigo: apologética. A primeira resposta virá através da definição etimológica, aquela que investiga a origem e a história das palavras, já que o termo grego ἐτυμολογία [*etimología*] significa palavra verdadeira, sendo composto de ἔτυμος [*étymos*], que quer dizer verdadeiro ou real, e λόγος [*lógos*], com sentido de palavra ou razão. Apologética é palavra grega, ἀπολογητικός [*apologetikós*]. Os termos gregos que possuem o lexema ἀπολογ- [*apolog-*] mantêm uma relação entre o dizer (λέγω [*légō*]) e a causa (ἀπό [*apó*]), razão pela qual a palavra é pronunciada (BOSETTI. Apologia. In: LATOURELLE, DTF). Deste modo, apologética tem o sentido de discurso que apresenta razão ou defesa, sendo composta pela preposição ἀπό [*apó*], traduzido como a partir de, e o substantivo λόγος [*lógos*], razão. Apologética tornou-se um termo para indicar um discurso que possui o objetivo de defender algum sistema de crenças.

A apologética passou para a teologia cristã como o discurso sobre as verdades afirmadas pela fé. Este discurso possui duas características: em primeiro lugar, é sistemático, termo proveniente do grego, συνιστάω [*synistáō*], com o

significado de organizar, coligar e congregar. O discurso apologético é sistemático porque procura demonstrar que o cristianismo é coerente, possuindo doutrinas relacionadas entre si. Em segundo lugar, o discurso apologético é racional, pois os fiéis, através dele, explicam o *lógos*, o sentido racional de suas convicções. Reafirmar a racionalidade da fé cristã é importante porque há críticas de ateus de que a religião cristã é irracional. Por exemplo, o biólogo britânico Richard Dawkins (1941 -), desdenhando do cristianismo, escreveu: “O grande ponto da fé religiosa, sua força e sua glória, é que ela não depende de justificativas racionais (2007. p. 48).” Com estas palavras, Dawkins não tem uma compreensão verdadeira da fé cristã pois o cristianismo não pode ser considerado irracional. A busca pela conclusão verdadeira dos fatos é vista durante toda a história da Igreja Cristã e também durante o período do Antigo Testamento. Neste, o conhecimento é exaltado, alcançando o seu ápice na relação com o conteúdo da revelação. Já no período do Novo Testamento, no discurso de Paulo no areópago, em Atos 17, a exposição demonstra que a religião cristã se baseia no conhecimento revelado por Deus, um conhecimento que possui sua autoridade intrínseca, mas que está em diálogo com a sabedoria geral da humanidade. Nos Pais da Igreja, escritores dos primeiros séculos do cristianismo, observamos a ênfase da racionalidade da sua fé. Justino, filósofo e mártir (c.: 100 - 165), por exemplo, afirmou que a filosofia segura e proveitosa era a que vinha dos profetas e dos homens amigos de Cristo (*Dia. Tri.*, 8,1). Ele enfatizou que era filósofo, seguindo as doutrinas do Salvador (*Ibid.*, 8,2). Agostinho, Bispo de Hipona (354 - 430), ao expor a tríplice divisão da teologia em mítica ou fabulosa, natural ou física e civil, elaborada pelo filósofo romano Marco Terêncio Varrão (116 - 27 a.C.), não teve receio de classificar a fé cristã como física, como o triunfo do conhecimento sobre os mitos (*CD*, VI, V; RATZINGER, 2013, p. 155). De acordo com o teólogo alemão Joseph Ratzinger (1927 -), “Segundo Agostinho e a tradição bíblica, para ele determinante, o cristianismo não se fundamenta nas imagens e presságios míticos, cuja justificação reside na sua utilidade política, mas baseia-se naquele divino, cuja realidade pode ser comprovada pela análise racional” (*Ibid.*, p. 156).

A ênfase da racionalidade da fé permeou as investigações teológicas da Idade Média e foi enfatizada também por reformadores. Por exemplo, o francês João Calvino (1509 - 1564) enfatizou que: “A fé está situada não na ignorância, mas no conhecimento...” (*Inst.*, III, II, 2.) e que a Escritura ensina “... a cada

passo que a inteligência está unida à fé” (*Ibid.*, III, II, 3). A racionalidade da fé continua sendo ratificada em dias atuais, e. g., na encíclica *Fides et Ratio* do Papa João Paulo II (1920 - 2005), na qual há o convite para que se perceba que a fé é necessária para que a razão humana alcance o seu esplendor, tornando cada indivíduo realmente pleno de sua dignidade: “Reafirmando a verdade da fé, podemos restituir ao homem de hoje uma genuína confiança nas suas capacidades cognitivas e oferecer à filosofia um estímulo para poder recuperar e promover a sua plena dignidade (6)”. Os exemplos acima demonstram que a fé jamais foi considerada pelos seus eminentes expositores como irracional. Ao contrário, o entendimento foi que a fé é superracional, pois caminha além dos fenômenos para ter uma visão holística da realidade.

Faz parte do termo apologética a palavra ἀπολογία [*apología*], a qual era utilizada no período pré-socrático (séculos VII e VI a.C.) para demonstrar que uma argumentação filosófica ou uma crença religiosa eram corretas e para justificar a conduta própria (ou de outrem). Com o passar do tempo, três foram os contextos pelos quais a apologia era proferida: (1) o filosófico, no qual se defendiam os raciocínios por meio de investigações; (2) o popular, indicando apenas uma resposta explicativa; e (3) o forense, no qual apologia passou a ter o valor de termo técnico (acusação ou defesa). Neste último caso, apologia tinha o sentido de responder ou defender-se legalmente e o discurso apologético consistia na exposição, em um tribunal, de um réu a um juiz, visando provar a sua inocência. O mais famoso caso de apologia diante de um tribunal foi o do filósofo grego Sócrates (c.: 469 - 399 a.C.). Platão (c.: 427 - 347 a.C.), seu discípulo fiel, afirma que Sócrates enfatizou, diante dos juízes e dos demais presentes, que a virtude de um julgamento é observar se no que se diz há justiça, e que a virtude de um orador é dizer a verdade: “Em primeiro lugar, que aceitem o meu modo de falar, seja ele bom ou mal, considerando somente, com muita atenção, se no que digo há justiça – pois se essa é a virtude de um julgamento, a virtude de um orador é dizer a verdade (*Ap. Sóc.*, I,18).

2. O Termo Apologia e o Conceito de Defesa da Fé no Novo Testamento

... é preciso ler a Sagrada Escritura não como um livro histórico qualquer, como lemos, por exemplo, Homero, Ovídio ou Horácio; é necessário realmente lê-la como Palavra de Deus – isto é, estabelecendo um diálogo com Deus. – Joseph Ratzinger (1927).

Após ser observado o que significa o termo apologética, é importante analisar, mesmo que resumidamente, em quais situações a apologia surge na

literatura neotestamentária. Ali, o lexema *apolog-* encontra-se em duas derivações: ἀπολογέομαι [*apologéomai*], que significa falar em autodefesa, surgindo dez vezes (e.g.: Lc 21,14; At 19,33; Rm 2,15; 2Cor 12,19; etc.); e *apología*, defesa, aparecendo oito vezes (e.g.: At 25,16; Fp 1,7.16; 2Tm 4,16; 1Pe 3,15; etc.). Estes números fazem com que Elena Bosetti observe que o léxico do Novo Testamento usa, consideravelmente, os termos, enquanto a palavra apologia está ausente nos mais conhecidos dicionários bíblicos e teológicos do tempo presente. Diante disso, ela se pergunta se esta omissão terá alguma relação com a crise de uma teologia apologética preocupada em defender a fé dos ataques dos adversários (BOSETTI. *Apologia*. In: LATOURELLE, DTF). Se existe tal crise, ela poderá ser solucionada se a apologética for compreendida em seu sentido bíblico e aplicada aos dias atuais com amor pela verdade, ética e diálogo. É este o objetivo central deste artigo.

O pilar do caráter apologético do Novo Testamento é a mensagem das Escrituras hebreias. Já neste conjunto de escritos, percebe-se a manifestação apologética. Por exemplo, os milagres de Moisés no Egito visavam provar que Deus falava por intermédio dele (cf.: Ex 4,1-9); no Monte Carmelo, Elias usou a apologética ao atestar que o Deus de Israel, e não Baal, era o verdadeiro Deus (cf.: 1Rs 18); da mesma forma, outros profetas fizeram ao criticar os mitos das religiões pagãs permeados de deuses de mentira ou autofabricados (cf.: Is 44,6-44). E o Novo Testamento, de que maneira usa o termo apologia? A explicação abaixo constará de um exame geral da mensagem apologética neotestamentária, seguida da investigação do texto mais citado no tema: 1 Pedro 3,15.

2.1. No Novo Testamento em Geral

O Novo Testamento se trata de mensagem apologética? A primeira resposta parece negativa ao se analisar que a literatura neotestamentária é, primordialmente, de caráter pastoral. Os autores dos sacros escritos encaminham suas mensagens para comunidades de fé, tendo como objetivo a demonstração de que Jesus foi o Messias prometido na antiga aliança, o qual morreu e ressuscitou segundo as Escrituras hebraicas. Sendo a literatura neotestamentária redigida para crentes, e não para incrédulos, seria ilógico pensar nela apologeticamente, já que não há necessidade de provar aos fiéis as verdades cristãs. Não é a apologética viável para os incrédulos, para despertar neles uma razão para crer? Uma pausa neste argumento, sem nenhum complemento, tenderá torná-lo vitorioso. No entanto, a leitura dos sacros autores demonstrará que,

mesmo escrevendo precipuamente para indivíduos de fé, eles tinham preocupação apologética porque entendiam que seus escritos precisavam confirmar os fiéis no conteúdo cristão e ensiná-los a anunciar a mensagem de forma correta aos que não faziam parte da Igreja.

A própria história do Novo Testamento demonstra conteúdo apologético. Por exemplo, Jesus usou mensagem apologética ao provar, por sinais e milagres, que era o Filho de Deus (cf.: Jo 3,2; 10,24-25); os apóstolos defenderam que os milagres de Jesus provavam que ele era o enviado de Deus (cf.: At 2,22) e que a fé em Jesus concede vida eterna em seu nome (cf.: Jo 20,31); alguns anunciadores do Evangelho, *e. g.*, Paulo e Estevão, defenderam os sólidos fundamentos da fé diante de seus perseguidores (cf.: o uso clássico da apologética em At 17,16-31 e a defesa de Estevão em At 7,1-53). Na Epístola aos Hebreus há caráter apologético na medida em que seu autor propõe fortalecer a fé dos convertidos cristãos para que, diante da perseguição, não recaíssem, novamente, no judaísmo. Diante destes poucos exemplos, constata-se que a literatura neotestamentária contém ecos dos primeiros escritos apologéticos do cristianismo. Seu objetivo é fornecer aos cristãos uma mensagem que os coloque em condições de não apenas justificar o conteúdo de sua fé, mas também de defendê-la contra adversários, entre eles, judeus e pagãos. Assim, a primeira pregação cristã consistiu em expor os sólidos fundamentos da fé a todos os ouvintes, inclusive aos perseguidores de Cristo e de sua mensagem. Esta exposição foi exemplo para a Igreja posterior.

Após o conceito geral de defesa da fé no Novo Testamento, observar o uso do termo *apología* é o próximo passo. *Apología* está presente em Paulo, Lucas e em Pedro. Destes, é predominante o uso em Paulo e em Lucas, o que faz com que se conclua que haja influência helenística no uso do termo. De fato, esta influência pode ser confirmada não apenas pelo uso de *apología*, mas também de outros termos insígnies da cultura grega, tais como: *logos* (palavra), ἀλήθεια [*alétheia*] (verdade), φίλος [*filos*] (amigo), etc., os quais vêm com o seu sentido cultural grego, porém, colocados em diálogo com a revelação bíblica. Portanto, não há dificuldade em reconhecer que o conhecimento cultural helênico de Paulo e Lucas (e de outros autores neotestamentários) os tenha feito usar, conscientemente, estes termos, colocando-os em contextos cristãos. O uso de *apología* no Novo Testamento está ligado a três âmbitos: (1) situação de conflito, seja social ou religiosa, na qual a linguagem exprime o confronto do

jovem cristianismo com o ambiente pagão ou com a sinagoga; (2) contexto missionário, no qual se exprime o discurso de propaganda da mensagem de Cristo; e (3) contexto forense, no qual Paulo fala de sua defesa (*apologíá*) em tribunal na cidade de Roma, em 2 Timóteo 4,16.

2.2. Em 1 Pedro 3,15

O verso bíblico mais estudado sobre o uso do termo *apologíá* no Novo Testamento é 1 Pedro 3,15: “antes, santificai a Cristo, o Senhor, em vossos corações, estando sempre prontos a dar razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la pede (*BJ*)”. De acordo com o teólogo francês Bernard Sesboüé (1929 -) este verso apresenta qual será, futuramente, a missão da apologética cristã (*In: Idem; THEOBALD (Orgs.), 2006. p. 27, (Tomo 4)*). De fato, este texto pode ser descrito como a declaração bíblica clássica para a apologética. E o que ele ensina? Antes de estudá-lo, é importante observar, primeiro, o seu contexto. Pedro escreve aos cristãos que vivem na diáspora (διασπορά [*diasporá*]), aqueles que saíram de sua terra natal e foram morar em outras partes do Império Romano (1Pe 1,1). Estes cristãos eram compostos de gentios, havendo, também, judeus entre eles (CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 471 - 472). Eles moravam na região do Império Romano conhecida como Ásia Menor, terra que, atualmente, encontra-se no território da Turquia.

Toda a Epístola de 1 Pedro e, em particular, o contexto a que pertence 1 Pedro 3,13-17, demonstra um clima tenso de hostilidade. A Carta deve ter sido escrita na década de 60 d.C., época em que o tirano Imperador Nero reinava. Pedro pretende confortar seus leitores diante da ameaça de perseguição. Sua questão é: como agir diante de possível perseguição? O apóstolo apresenta uma argumentação positiva. Ele confia na lógica da reciprocidade, aquela que regula a vida civil. Uma de suas ênfases está em 1 Pedro 3,13: “E quem vos há de fazer mal, se sois zelosos do bem? (*BJ*)”. Esta pergunta retórica tem resposta consoladora porque indica que ninguém faz mal àquele que é zeloso pelo bem, pois o bem é apreciado pelos cidadãos de qualquer lugar. No entanto Pedro, entendido de como são imprevisíveis os atos humanos em algumas situações, prepara seus leitores para o caso da lógica da reciprocidade não acontecer. Ele foi testemunha ocular dos sofrimentos de Cristo (1Pe 5,1). Jesus foi bom, mas muitos pagaram com maldade a sua bondade. Por isso, Pedro recorda aos seus leitores cristãos que, em algumas ocasiões, o bem pode ser retribuído com inimizade (1Pe 2,19-20; 3,14). Certamente, o ensino petrino foi assimilado do que

ele ouviu de Jesus (Mt 5,11-12). O apóstolo tem a convicção de que a força do bem logra vitória e que os cristãos devem dar prova disso. A conclusão do texto consolida esta ideia. Em 1 Pedro 3,17, se lê: “pois será melhor que sofrais – se esta é a vontade de Deus – por praticardes o bem do que praticando o mal (BJ)”.

É nesse contexto que o termo ἀπολογία se encontra. Na primeira parte de 1 Pedro 3,15 registra-se: “antes, santificai a Cristo, o Senhor, em vossos corações”. O apóstolo, ousadamente, convida os cristãos a santificar a Cristo, o que é feito quando Jesus é reconhecido como κύριος, termo grego que significa “Senhor”, indicando alguém que possui pleno controle sobre alguma coisa. Jesus deve ser reconhecido, no coração do cristão, como o Senhor escatológico – aquele que guia e apascenta. Adiante, Pedro escreve: “estando sempre prontos a dar razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la pede”. O apóstolo não pressupõe que deve haver um indagador da fé; ensina que mesmo que o cristão não encontre alguém que faça perguntas acerca da sua fé, deve sempre estar pronto a responder e com vontade de compartilhar a verdade. O cristão precisa estar pronto a dar a razão de sua esperança. Dois termos importantes, desta expressão, devem ser analisados. Em primeiro lugar, a palavra razão. Parafraseando o apóstolo, sua ênfase é que o cristão deve responder a todo aquele que pedir a razão. Esta resposta traduz o sentido do termo ἀπολογία [apologían] (de apología) que, neste contexto, não indica exclusivamente uma resposta feita diante de um tribunal. O pedido de explicação pode vir “de todo (παντι) aquele que vo-la pede”, subentendendo um interrogatório informal, feito por pessoas que observam, curiosamente, as palavras e os atos dos cristãos. O que é perguntado? Sobre a razão. No idioma grego, o termo é λόγος, o qual também significa sentido. Com ele, os cristãos aprendem que é necessário demonstrar aos outros o sentido racional de suas convicções (RATZINGER. *In: Idem*; D’ARCAIS, 2009, p. 31). Isto quer dizer que o cristianismo tem, já nos tempos de sua origem, a consciência de que sua mensagem é racional.

Em segundo lugar, Pedro utiliza o termo “esperança” (ἐλπίς [elpís]). Este uso é importante porque demonstra que a mensagem cristã não se prende apenas à racionalidade. O objeto sobre o qual versa a pergunta feita ao cristão é a esperança, um tema fulcral nesta Epístola (cf.: 1Pe 1,3.21; 3,15). Por esperança, Pedro pensa mais que a adesão a uma doutrina; tem em mente um novo modo de vida: a regeneração, obtida através da ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos (1Pe 1,3). Ao abordar sobre esperança, o apóstolo explica o

sentido da nova orientação de vida para a qual os cristãos caminham. Ele sabe que seus leitores, através da esperança em Cristo, mudaram o curso de seu viver. Apologeticamente, o conceito de esperança é importante porque manifesta que a conduta cristã não é apenas do intelecto, mas também de um sentimento que faz a vida ser bem-aventurada em Deus. Deste modo, defender a fé significa demonstrar que o cristianismo não pode ser considerado apenas a descrição de um conjunto de fatos históricos, na tentativa de passar informações ou apresentar uma grande ideia. A mensagem cristã apresenta uma pessoa, Jesus Cristo, o Deus encarnado, aquele que dá à vida um novo significado. As palavras do Papa Emérito Bento XVI resumem esta questão: “No início do ser cristão não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, assim, o rumo decisivo (*DCE*, 1)”.

Conceder a razão da esperança. Pedro direciona a apologética para estes dois termos importantes: razão e esperança. Pedro trabalha com o conteúdo a ser apresentado àquele que indaga. Surge, neste momento, novas perguntas que são feitas na mente do cristão: de que modo responder às indagações dos outros? Será que este modo de apresentar a verdade influencia na recepção da mesma? Uma tentativa de resposta será concedida no próximo ponto deste artigo.

3. Apologia Com Mansidão, Respeito e Diálogo

Essa felicidade, essa vida que é a única feliz, todos a querem, todos querem a alegria que provém da verdade. Conheci muitos com desejo de enganar aos outros, mas não encontrei ninguém que quisesse ser enganado. Onde conheceram essa felicidade, senão onde conheceram a verdade? Se de fato não querem ser enganados, é porque amam também a verdade – Agostinho de Hipona (354 - 430).

A pergunta central deste terceiro ponto é: de que maneira defender a fé? Serão tomadas como referência as palavras do apóstolo em 1 Pedro 3,16a: “fazei-o, porém, com mansidão e respeito, conservando a vossa boa consciência... (BJ)”. Nos dias de hoje percebe-se, nas redes sociais, muitos debates entre correntes cristãs ou entre cristãos e não-cristãos. Infelizmente, em muitos casos, há deselegâncias como ofensas pessoais ou termos que não cabem em debates acadêmicos. Estes fatos são nocivos porque os que assistem podem ser levados a entender que é desta forma agressiva que se deve defender a fé, levando este comportamento para os encontros familiares, reuniões na igreja, debates em escolas ou outros locais, etc. À vista de tais condutas, é importante recuperar as

palavras petrinhas descritas em 1 Pedro 3,16a, estudá-las e aplicá-las.

Pedro, no texto citado, demonstra que defender a fé significa agir com delicadeza e respeito. A preocupação do apóstolo era que o cristão não humilhasse os que não concordassem com sua cosmovisão. A verdadeira atitude diante de frêmito de ódio era a mansidão que facilitaria o abrir o coração daqueles que, obstinadamente, não concordavam que a fé cristã era relevante. Pedro enfatizou que não deve haver antagonismo entre o conteúdo da mensagem e o tom da pregação: se a mensagem ensina o amor de Deus, o primeiro que deve vivenciar este amor é o que o anuncia. O teólogo britânico Alister McGrath (1953 -) interpretando Pedro, afirmou: “O evangelho só deve causar dificuldades por sua natureza e conteúdo intrínsecos, não pela maneira em que é anunciado (2013, p. 14).” E completa: “Uma coisa é o evangelho ser motivo de ofensa; outra bem diferente é seus defensores serem motivo de ofensa pela escolha pouco sensata das palavras a ser empregadas ou por sua atitude agressiva e desdenhosa em relação aos de fora (*Ibid.*, p. 14).” Estas palavras requerem que o apologeta cristão tome a incumbência de se esforçar por desenvolver diálogos que tornem a mensagem proclamada do Evangelho mais próxima das pessoas.

O caminho do diálogo é alcançado pelo ponto comum que há entre cada ser humano: a busca da verdade. Na Escritura, uma das perguntas mais famosas foi a que o governador (*praefectus*) da província romana da Judeia, Pôncio Pilatos, fez a Jesus: “Que é a verdade?” (Jo 18,38). Para Pilatos, a questão da verdade era tão importante que ele indaga o que o sábio Mestre Jesus sabia sobre ela. Por que a verdade é importante? Porque ela faz com que cada pessoa saia de seu mundo misantropo e tome o caminho do diálogo que traz uma visão holística da realidade. A verdade abre a inteligência ao *lógos* e une os indivíduos ao *διάλογος* [*diálogos*], termo composto pela preposição *διά* (*diá*), que significa através, e pelo substantivo *lógos*, que, neste caso, quer dizer assunto sobre discussão. O termo diálogo, desta forma, expressa o sentido de avaliar ou discutir, designando a comunicação realizada entre dois ou mais indivíduos sobre a verdade de algum assunto. O diálogo deixa de lado o egoísmo e coloca em pauta os pontos em comum. O diálogo não descarta as diferenças, mas as discute em maturidade. É próprio do diálogo: exaltar a simetria de direitos dos participantes; emanar da capacidade autocrítica própria do ser cognoscente; e percorrer a estrada que conduz à paixão pela verdade, a qual é *lógos* que gera a

comunicação de fraternidade, o *diá-logos*.

Esta paixão pelo encontro da verdade é enfatizada por eruditos. O filósofo grego Aristóteles (384 - 322 a.C.), por exemplo, afirmava: “Todos os homens, por natureza, tendem ao saber (*Met.*, I, 1, 980a).” E qual é o objeto deste saber? Trata-se da verdade. Prova-se isto pelo fato de Aristóteles denominar a filosofia – sua função – de “ciência da verdade” (*Ibid.*, I, 2, 993b). A verdade é importante porque faz com que os seres humanos se apartem das opiniões subjetivas e alcancem um conhecimento mais amplo da realidade. O cristianismo reconhece este fato. Para o cristão, foi Deus quem colocou no coração do ser humano a busca da verdade. Agostinho (354 - 430) ensina que “... todos querem a alegria que provém da verdade (*Conf.* X, 23, 33)” e que é o auxílio divino que faz com que cada indivíduo aspire à primeira das suas liberdades: poder buscar a verdade (*LA*, I,2,4). A verdade deve ser buscada porque ela faz evitar o erro. Disso dá testemunho dois gigantes da apologética antiga. O primeiro é Justino, filósofo e mártir (c.: 100 - 165). Ao continuar seu argumento em sua *1 Apologia*, Justino afirma que o que o motiva é a verdade que faz a ignorância bater em retirada: “... como sabemos não ser fácil mudar às pressas uma alma possuída pela ignorância, determinamos acrescentar mais alguns breves pontos, a fim de persuadir os amantes da verdade, pois sabemos que quando esta é proposta, a ignorância bate em retirada (12,11)”. O segundo é o antigo Bispo de Lion, Irineu (135 - 202), o qual alegou: “De fato, se é difícil que uma alma, tomada pelo erro, mude de opinião, contudo não é completamente impossível que possa evitar o erro quando se lhe apresenta a verdade (*CH*, III,2,3).” Nestas palavras, é observada a utilidade individual e social da verdade: ela amadurece o interior e torna ético o social. A verdade deve, portanto, ser útil ao apologeta cristão, fazendo-o compreender melhor os conceitos em que crê e abrindo-o ao diálogo.

Retornando ao texto de 1 Pedro 3,16a, percebe-se que o estilo apologético de Pedro requer que haja, no anunciador da verdade cristã, as qualidades da mansidão e do respeito. Porém, infelizmente, nem sempre na história da Igreja, mansidão e respeito estiveram presentes. Algumas linguagens descritas nos anais da história escandalizam a muitos de nós, pois, parecem desprovidas do espírito evangélico. O que dizer de João Batista, ao denominar seus opositores fariseus e saduceus de “raça de víboras”? (Mt 3,7). E o encontro entre Policarpo, Bispo de Esmirna (c.: 69 - 155) e Marcião (85 - 160), um famoso hereiarca do cristianismo antigo? Irineu de Lion (135 - 202) assim o descreve: “O

próprio Policarpo, quando Marcião, um dia, se lhe avizinhou e lhe dizia: ‘Prazer em conhecê-lo’, respondeu: ‘Eu te conheço como o primogênito de Satã’ (*Ibid.*, III,3,4).” Na época da Reforma Protestante, o teólogo francês João Calvino (1509 - 1564) chamou de cães os que criticavam com suas mordidas virulentas, ou com seus latidos, a doutrina da providência de Deus (*Inst.*, I, XVII, 2). Nos dias atuais, denominar os adversários de “víboras”, “primogênitos de Satã”, “cães”, etc. não condizem com o que se espera nos debates e diálogos sobre o conteúdo da fé. Sobre estas e outras expressões ofensivas, não é ético usá-las em literatura ou diante de debates apologéticos. Aquele que as usa, certamente, será considerado antiquado e não terá autoridade para continuar. Em alguns momentos, nos debates, é necessário firmeza; contudo, tal firmeza não pode ser desconectada da mansidão e respeito próprios do arauto cristão.

Conclusão

Um discurso racional da fé e uma mediação argumentativa do Evangelho são elementos indissociáveis do caráter dialogal da Palavra de Deus. – Gerhard Ludwig Müller (1947).

O ser humano tem o desejo de defender o que confia ser a verdade. Esta defesa era denominada, pelos gregos, de apologia. Para os cristãos, a apologia é necessária para expor a razão da esperança que há no conteúdo da fé. No Novo Testamento, o apóstolo Pedro trouxe, em um verso da Escritura, uma diretriz importante para o modo de defender a fé. Ele afirma que a defesa deve ser realizada com mansidão e respeito. À luz do que se observa, estas qualidades da apologia cristã, amiúde foram deixadas, havendo a necessidade de recordá-las no debate cristão atual.

O debate é constante no mundo hodierno por causa da globalização. As culturas estão próximas, havendo pluralidade de cosmovisões. Estas cosmovisões precisam, para seu amadurecimento, dialogar, pois este é o meio sensato de cada uma se firmar em seu conteúdo e respeitar os pontos em discórdia de outras. O debate, neste tempo, é impulsionado pelo encontro das culturas e deve ser realizado em respeito e mansidão, pois se estas virtudes não forem seguidas, há o risco de outros seguirem o mal exemplo, tornando a convivência humana repleta de maus tratos. Isto, como atitude cristã, não seria o ideal: negaria o espírito evangélico ensinado por Jesus Cristo.

O cristão tem algo a dizer às demais pessoas? Sim. Há uma fé dinâmica que não é exclusiva, como se seus adeptos formassem um clube que faz seu

jogo, tendo seus interesses. O cristão está interessado em afirmar que em Jesus há verdade, a verdade que pode transformar a quem a ela se entregar. Esta verdade deve ser anunciada com ética, mansidão e respeito. Este é o itinerário para que tenhamos um futuro melhor, o qual é garantido para aqueles que buscam a paz e a comunhão com o próximo.

Referências Bibliográficas

- Apologética, necessidade da. In: GEISLER, Norman. *Enciclopédia de apologética: respostas aos críticos da fé cristã*. Tradução de Lailah de Noronha. São Paulo: Vida Acadêmica, 2002.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*. São Paulo: Loyola, 2002. (Edição Bilíngue).
- BENTO XVI. *Carta Encíclica Deus Caritas Est*. São Paulo: Paulus / Loyola, 2006. [Promulgada em 25 de dezembro de 2005]. (Coleção Documentos do Magistério).
- BENTO XVI. *Carta Encíclica Spe Salvi*. São Paulo: Paulus / Loyola, 2007. [Promulgada em 30 de novembro de 2007]. (Coleção Documentos do Magistério).
- BENTO XVI. *Carta Encíclica Caritas in Veritate*. 2. ed. São Paulo: Paulus / Loyola, 2009. [Promulgada em 29 de junho de 2009]. (Coleção Documentos do Magistério).
- BENTO XVI. *Liberar a liberdade: fé e política no terceiro milênio*. Tradução de Rudy A. de Assunção. São Paulo: Paulus, 2019. (Coleção: *Fides Quaerens*).
- BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 9. reimpr. São Paulo: Paulus, 2013.
- BOSETTI, Elena. Apologia. In: LATOURELLE, René; FISICHELLA, Rino. *Dicionário de teologia fundamental*. Tradução de Luiz J. Baraúna. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.
- CALVINO, João. *A instituição da religião cristã*. Tradução de Carlos E. de Oliveira et al. São Paulo: UNESP, 2008. (Tomo I, Livros I e II).
- CARSON, Donald A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. Tradução de Márcio L. Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- COSTA, Hermisten M. P. da. *Raízes da teologia contemporânea*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- CRAIG, William L. *Apologética contemporânea: a veracidade da fé cristã*. Tradução de A. G. Mendes et al. 2. ed. ampl. atual. São Paulo: Vida Nova, 2012.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4.

ed. rev. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DULLES, Avery. Apologética: I. História. In: LATOURELLE, René; FISICHELLA, Rino. *Dicionário de teologia fundamental*. Tradução de Luiz J. Baraúna. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

GEISLER, Norman. *Enciclopédia de apologética: respostas aos críticos da fé cristã*. Tradução de Lailah de Noronha. São Paulo: Vida Acadêmica, 2002.

IRINEU DE LIÃO. *Contra as heresias*. Tradução de Lourenço Costa. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2009. (Coleção Patrística, n. 4).

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Fides et Ratio*. São Paulo: Paulinas, 2006. [Promulgada em 14 de setembro de 1998]. (Coleção A voz do Papa, n. 160).

JUSTINO DE ROMA. *I e II Apologias; Diálogo com Trifão*. Tradução de Ivo Storniolo; Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 2013. (Coleção Patrística, n. 3).

LATOURELLE, René; FISICHELLA, Rino. *Dicionário de teologia fundamental*. Tradução: Luiz J. Baraúna. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

MCGRATH, Alister E. *Apologética pura e simples: como levar os que buscam e os que duvidam a encontrar a fé*. Tradução de A. G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2013.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Tradução de Sueli M. de Regino. São Paulo: Martin Claret, 2009. (Coleção A Obra Prima de Cada Autor, n. 20, Edição Bilíngue).

RATZINGER, Joseph; D'ARCAIS, Paolo F. *Deus existe?* Tradução de Sandra M. Dolinsky. São Paulo: Planeta, 2009.

RATZINGER, Joseph; D'ARCAIS, Paolo F. *Deus existe?: debate entre o Cardeal Joseph Ratzinger e Paolo Flores d'Arcais*. In: *Idem; Idem. Deus existe?* Tradução de Sandra M. Dolinsky. São Paulo: Planeta, 2009. p. 25 - 85.

RATZINGER, Joseph. *Fé, verdade e tolerância: o cristianismo e as grandes religiões do mundo*. Tradução de Sivar H. Ferreira. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência "Raimundo Lúlio", 2013.

SANTO AGOSTINHO. *O livre-arbítrio*. Tradução de Nair de A. Oliveira. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2004. (Coleção Patrística, n. 8).

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. Tradução de Maria L. J. Amarante. São Paulo: Paulus, 2006. (Coleção Clássicos de Bolso).

SANTO AGOSTINHO. *A cidade de Deus*. Tradução de Oscar P. Leme. 8. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2013. Parte II: Livros XI a XXII. (Coleção Pensamento Humano).

- SANTO AGOSTINHO. *A cidade de Deus*. Tradução de Oscar P. Leme. 14. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2018. Parte I: Livros I a X. (Coleção Pensamento Humano).
- SESBOÜÉ, Bernard. Apologia da fé e discurso cristão na época patrística. In: *Idem*; THEOBALD, Christoph. (Orgs.). *História dos dogmas*. Tradução de Aldo Vannucchi. São Paulo: Loyola, 2006. p. 25 - 67. (Tomo 4: A palavra da salvação, séculos XVIII-XX).
- SESBOÜÉ, Bernard; THEOBALD, Christoph. (Orgs.). *História dos dogmas*. Tradução de Aldo Vannucchi. São Paulo: Loyola, 2006. (Tomo 4: A palavra da salvação, séculos XVIII-XX).
- ἀπολογέομαι; ἀπολογία. In: GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. *Léxico do N.T. grego/português*. São Paulo: Vida Nova, 2003.